



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

**LUCIARA DIAS DE SOUZA
MARIA LUCIENE DE FRANÇA MAGALHÃES**

**AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO PROCESSO DE
ENSINO E DE APRENDIZAGEM**

**João Pessoa - PB
2017**

**LUCIARA DIAS DE SOUZA
MARIA LUCIENE DE FRANÇA MAGALHÃES**

**AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO PROCESSO DE
ENSINO E DE APRENDIZAGEM**

Monografia apresentada ao Centro de Educação,
como parte das exigências do Curso de
Graduação em Pedagogia, da Universidade
Federal da Paraíba

Orientadora: Profa. Dra. Quézia Vila Flor Furtado

**João Pessoa - PB
2017**

S729a Souza, Luciara Dias de.

Afetividade na educação de jovens e adultos no processo de ensino e de aprendizagem / Luciara Dias de Souza, Maria Luciene de França Magalhães. – João Pessoa: UFPB, 2017.

54f. : il.

Orientadora: Quézia Vila Flor Furtado

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –
Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Educação de jovens e adultos. 2. Afetividade. 3. Ensino e aprendizagem. I. Magalhães, Maria Luciene de França. II. Título.

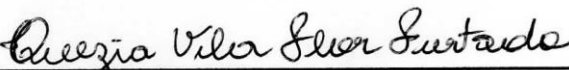
UFPB/CE/BS

CDU: 374.7(043.2)

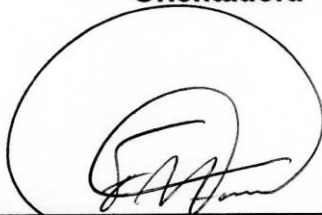
**LUCIARA DIAS DE SOUZA
MARIA LUCIENE DE FRANÇA MAGALHÃES**

**AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO PROCESSO DE
ENSINO E DE APRENDIZAGEM**

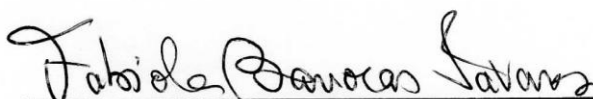
Aprovado em: 05/06/2017.



**Profa. Dra. Quézia Vila Flor Furtado - UFPB
Universidade Federal da Paraíba
Orientadora**



**Prof. Dr. Fábio do Nascimento Fonseca - UFPB
Universidade Federal da Paraíba
Examinador**



**Profa. Dra. Fabíola Barrocas Tavares - UFPB
Universidade Federal da Paraíba
Examinadora**

AGRADECIMENTOS LUCIARA DIAS DE SOUZA

Agradeço primeiramente a Deus por estar sempre me guiando em minha caminhada e nas minhas escolhas.

Gratidão ao meu amado esposo Henrique, que esteve me incentivando e fazendo o possível para que eu continuasse na universidade, sendo atencioso e paciente nessa etapa da minha vida.

Ao meu filho Arthur, que é o bem mais precioso e a razão do meu sorriso.

Agradeço a minha querida amiga e parceira Luciene, que foi essencial para a construção do nosso trabalho.

Gratidão à orientadora Profa. Dra. Quézia Vila Flor Furtado, pela atenção, não só como orientadora, mas como professora sensível que sempre nos ajudou com muita paciência, amor e carinho estando sempre a nossa disposição.

A banca examinadora composta pelo Prof. Dr. Fábio do Nascimento Fonseca e Profa. Dra. Fabíola Barrocas Tavares, que contribuíram com seus conhecimentos na minha trajetória acadêmica.

Em especial a minha professora Fabíola Barrocas Tavares que muito me ajudou na permanência nessa instituição de ensino com sua afetividade e paciência.

Agradeço aos meus queridos pais, Eliete Dias de Souza e Nailson Alves de Souza (em memória) que se dedicaram para oferecer o melhor a mim e aos meus irmãos, sendo fundamental em nossa formação social e educacional.

AGRADECIMENTOS MARIA LUCIENE DE FRANÇA MAGALHÃES

Em primeiro lugar agradeço a Deus por conceder-me a benção de ter chegado até esse momento tão especial em minha vida.

Aos meus pais, João Silvino de França e Francisca Soares de Sousa, que me deram uma base sólida de persistência e determinação na busca de algo que desejasse alcançar (em memória).

Ao meu esposo Humberto, que durante todo esse tempo me acompanhou nessa trajetória com toda a paciência de idas e vindas até à universidade a qualquer dia e hora.

Ao meus filhos, Welton, Rainer e Ramon que muito contribuíram com incentivo, apoio incondicional para que eu chegasse ao meu objetivo.

As minhas noras, pelo apoio durante esse percurso acadêmico, com afeto, atenção e carinho.

Ao meus irmãos, Maria, Francisco, Valdeci e Lilian, essa última (em memória), pelo afeto e carinho.

A minha amiga de jornada Luciara que me acompanhou e participou desse processo acadêmico ao longo desses anos, com amizade, lealdade e companheirismo.

A minha orientadora Profa. Dra. Quézia Vila Flor Furtado, pelo suporte, por toda a paciência, em acreditar no meu crescimento com toda atenção e afeto.

A banca examinadora composta pelo Prof. Dr. Fábio do Nascimento Fonseca e Profa. Dra. Fabíola Barrocas Tavares, que contribuíram com seus conhecimentos na minha trajetória acadêmica.

Em especial a minha professora Fabíola Barrocas Tavares que muito me ajudou para que eu permanecesse nessa instituição de ensino com sua afetividade e paciência.

RESUMO

O objetivo do nosso trabalho foi analisar a importância da afetividade no processo de ensino e de aprendizagem dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor João Gadelha de Oliveira Filho, localizada no bairro de Mangabeira VII, na cidade de João Pessoa-PB, nos Ciclos I e II no turno da noite. Participaram da nossa pesquisa duas professoras e sete alunos (as), sendo, uma professora do Ciclo I, e a outra do Ciclo II e os alunos foram: duas do Ciclo I, e três do Ciclo II, sendo um do sexo masculino e duas do sexo feminino. A metodologia aplicada para essa pesquisa é de caráter qualitativo, utilizando as técnicas de observação e entrevista. O referencial teórico assumido nessa pesquisa foram: Freire (2011), Gonsalves (2009), Almeida (2012), Oliveira (2012). A análise dos dados apresentou como é significativa a afetividade na relação professor aluno durante no processo de ensino e de aprendizagem. Percebemos que os laços afetivos entre professor e aluno vão contribuir para motivar a frequência e a permanência desse aluno na escola.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Afetividade. Ensino e Aprendizagem.

ABSTRACT

This research had as objective to analyze the importance of the affectivity in the process of teaching and learning of the students of the Education of Youths and Adults (EJA). Research carried out at the João Gadelha de Oliveira Filho Municipal School of Elementary Education, located in the neighborhood of Mangabeira VII, in João Pessoa City, Paraíba State. In Cycles I and II on the night shift. Two professors and seven students participated in our research, being one teacher of Cycle I and the other of Cycle II and the students were: two of Cycle I and three of Cycle II, one being male and two female. The methodology applied for this research is qualitative, using the techniques of observation and interview. The theoretical references assumed in this research were: Freire (2011), Gonsalves (2009), Almeida (2012), Oliveira (2012). The data analysis showed how significant the affectivity in the teacher-student relationship during the teaching and learning process. We have noticed that the affective ties between teacher and student will contribute to motivate the attendance and permanence of this student in school.

Keywords: Youth and Adult Education. Affectivity. Teaching and learning.

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	8
2	A AFETIVIDADE E O DESENVOLVIMENTO HUMANO.....	11
2.1	A importância da afetividade na aprendizagem.....	14
2.2	A afetividade na aprendizagem dos/as alunos/as da EJA.....	17
3	CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA E O PERCURSO METODOLÓGICO.....	24
3.1	Campo de pesquisa.....	24
3.2	Percurso Metodológico.....	28
3.3	Sujeitos da Pesquisa.....	30
4	A RELEVÂNCIA DA AFETIVIDADE NAS SALAS DA EJA.....	32
4.1	Os alunos da EJA e a afetividade no ambiente escolar.....	32
4.2	O Professor da EJA e a afetividade.....	40
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
	REFERÊNCIAS.....	51
	APÊNDICE – A.....	53
	APÊNDICE – B.....	54

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A afetividade é um sentimento que é vivido pela mãe antes mesmo do nascimento da criança. Após o nascimento, essa afetividade é transmitida através do toque, olhar, falar. É uma troca de sentimentos que acontece entre mãe e filho, onde as emoções se afloram a cada dia e com o tempo, nessa relação afetiva, os sujeitos envolvidos demonstram, através de atitudes, o respeito, o compromisso, o amor, a responsabilidade e alegria por estar compartilhando os momentos bons ou maus com alguém que acredita em você. A exemplo deste cenário, Henri Wallon (1879-1962), um dos pioneiros a trabalhar com essa temática, menciona que a afetividade é um sentimento inerente ao ser humano.

Já essas crianças quando passam para a adolescência seus gestos afetuosos, já não são vistos com tanta naturalidade, onde os gestos de carinho e afeto praticados entre eles são recriminados pela sociedade que encara a afetividade como sendo um tabu, considerando que nessa fase da vida ocorre uma maior censura com as atitudes afetuosas entre esses jovens.

É notório que o ser humano tem dificuldades de demonstrar esse sentimento na fase adulta, principalmente no tocante: a relação entre homem e mulher. No entanto, a afetividade é indispensável na comunicação e interação humana, seja no aspecto social quanto familiar, pois essa afeição é de fundamental importância para que as diferenças entre as pessoas sejam respeitadas.

No olhar da sala de aula não é tão diferente, visto que, é nesse ambiente que, acontece a primeira socialização sistematizada dos sujeitos, onde o ser humano vai em busca de conhecimentos acadêmicos, porém ao mesmo tempo, acontecem os primeiros laços afetivos extra familiares que vão se fortalecendo cada dia mais.

A afetividade se apresenta como ações/atitudes, onde é possível sentir a sensibilidade na forma afetiva de se tratar as pessoas assim como cuidar do outro, o que é demonstrado através da existência de um elo especial entre duas ou mais pessoas.

Portanto, como consequência, surgem os frutos que a afetividade proporciona entre os sujeitos: a assimilação consciente do compromisso, da responsabilidade, do respeito, da alegria e do amor ao compartilhar a construção dos conhecimentos por todos, e no caso do nosso estudo a afetividade como fator importante no processo de ensino e de aprendizagem mediado pelo professor. Sujeito este essencial nessa

relação. O professor a partir de suas atitudes definirá laços significativos para a permanência e crescimento do aluno no âmbito educacional. Como também pode influenciar na construção da cidadania dos seus alunos, daí a importância da existência dos laços afetivos dentro da sala de aula.

Percebe-se que a afetividade é um elemento de suma importância na relação do professor e do aluno dentro da sala de aula, no entanto, na sua ausência ocorrem vários problemas que influenciam diretamente no desenvolvimento intelectual e cognitivo do aluno, gerando a falta de motivação, ocasionando posteriormente no aluno o desinteresse ou até mesmo o abandono da vida escolar.

Conforme mencionado, quanto ao ser humano ter dificuldades de demonstrar esse sentimento na fase adulta, e principalmente voltado à vida acadêmica, a pesquisa trata neste olhar, sobre a afetividade na relação professor-aluno da Educação de Jovens e Adultos por acreditar na existência de uma relevância para o processo de ensino e de aprendizagem nessa modalidade de ensino, “onde ao final faça refletir sobre a prática educativa que ele está vivenciando”, seja ele, professor, ou aluno, onde possa fazer perguntas a si mesmo, tais como: Que tipo de relação estou construindo em sala de aula? Quem são os meus alunos? Buscando ser honesto consigo mesmo em suas respostas, pois acreditamos que no ambiente onde a afetividade é posta em prática, os resultados serão sempre positivos.

Nesta direção, o presente trabalho tem como objetivo geral: analisar a importância da afetividade no processo de ensino e de aprendizagem dos alunos da Educação de Jovens e Adultos. E como objetivos específicos: verificar a relação de afetividade entre professor e aluno na Educação de Jovens e Adultos; observar as ações realizadas pelo professor que influencia de forma significativa para a permanência do aluno da Educação de Jovens e Adultos na sala de aula e descrever a importância da afetividade no processo de ensino e de aprendizagem dos alunos da Educação de Jovens e Adultos.

Na busca pela justificativa deste objetivo no pensar de que é possível perceber o esforço que uma pessoa adulta faz para chegar todos os dias na sala de aula, considerando que ela tem que levantar bem cedo e passar o dia desenvolvendo atividades que requerem desgaste físico. Agora, imagine como será a reação dessa pessoa que encarou um dia pesado de trabalho e ao chegar na sua aula encontra um professor que não demonstre motivação, carisma, afetividade em estar ali naquele momento, influenciando negativamente o processo de ensino e de aprendizagem do

aluno.

Por isso, é importante ampliar esta temática no entendimento a respeito de como a afetividade pode contribuir com o processo de ensino e de aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos, fazendo ela, assim, pertencer ao ambiente pedagógico de ensino.

Sendo assim, algo que nos inquietou enquanto estávamos na condição de alunas estagiárias foi perceber nitidamente a desmotivação existente entre os sujeitos na sala de aula. Um dos motivos que comprovam os altos índices de desistência ou evasão escolar, principalmente na Educação de Jovens e Adultos. A partir de agora iremos utilizar a sigla EJA, nas próximas páginas para nos referirmos à Educação de Jovens e Adultos.

O nosso trabalho está organizado em cinco partes: esta primeira se trata das considerações iniciais, onde realizamos a explanação das razões de termos escolhidos essa temática; posteriormente discorreremos sobre a afetividade e o desenvolvimento humano referenciadas por Freire, Gonsalves, Almeida, Oliveira, entre outros. Na terceira parte, está descrita a caracterização do campo de pesquisa e o percurso metodológico, após isso abordamos a relevância da afetividade nas salas da EJA, e por fim apresentamos nossas considerações finais, apresentando nossas impressões acerca da pesquisa realizada, bem como as proposições que julgamos adequadas na busca por respostas relacionadas à problemática que envolve o tema.

2 A AFETIVIDADE E O DESENVOLVIMENTO HUMANO

Afetividade de forma geral, é um sentimento que acontece na relação entre duas ou mais pessoas e pode ser observada pelas atitudes onde se percebe responsabilidade, compromisso, zelo, cuidado, proteção, atenção etc. Esse sentimento sendo cultivado positivamente proporciona na relação, confiança entre os sujeitos. Isso acontece de forma espontânea quando somos pequenos. No período da infância a afetividade é predominante. A criança a usa para se expressar e interagir com as outras pessoas, que reagem, ou não a essa manifestação de afeto, sendo assim um instrumento que intermedeia a relação dele com o ambiente. Já essas crianças quando passam para a adolescência, a afetividade vai sendo podada pela sociedade, pois os tabus criados em torno do afeto vão sendo relacionados ao sexo. As pessoas que antes incentivavam as crianças ao carinho, o beijo na infância como algo natural e vital para o ser humano, na adolescência passam a considerar esses gestos como algo errado. O adolescente entra em um processo de transformações e experiências, o que muitas vezes não é compreendido, nem aceito pelos familiares e tão pouco pela sociedade. Assim ele questiona tais mudanças, pois onde antes tudo era normal, hoje passa a ser uma atitude proibida, tendo em vista que nessa fase da vida ocorre uma maior censura sobre a sexualidade, a qual se associa a afetividade.

Já no que se refere na fase adulta da vida é notório que o ser humano apresenta dificuldades de demonstrar esse sentimento, pois os tabus culturais por vezes inibem as pessoas. É fato que existem pessoas que não tiveram a oportunidade de ter experiência para construir relações afetuosas com outras pessoas e acabam não rompendo a barreira do preconceito por sentir-se incapazes de agir de maneira afetiva, tanto com uma figura do sexo masculino, como do sexo feminino. Infelizmente são atitudes assim que começam dentro do ambiente domésticos e são estendidos às relações sociais.

É verdade que a pessoa que vive desde cedo em ambientes harmoniosos, tranquilos e saudáveis, ou seja, que tiveram toda sua infância cercada por outras pessoas que fazem uso naturalmente de gestos e atitudes afetuosos e com relações duradouras, não terão dificuldades alguma em relacionar-se com outras pessoas e demonstrar seu afeto. Segundo Toro (apud GONSALVES, 2009, p. 47):

A afetividade é expressão da identidade. Esta afirmação é a base teórica de nossa concepção da afetividade. As pessoas que têm uma identidade débil são incapazes de amar; têm medo da diversidade, seus vínculos com as outras pessoas são defensivos(...) A afetividade é um estado evolutivo superior que não está necessariamente unido à sensibilidade nem à Inteligência. O sentimento de amor à humanidade, expresso em ações, está ligado ao processo evolutivo da espécie. Pessoas inteligentes e sensíveis, mas sem capacidade de amor, são capazes de inconcebíveis níveis de violência.

Nesse sentido, a afetividade é uma disposição do ser humano, onde ele deverá estar disposto a amar outra pessoa incondicionalmente, sem preconceitos. Só assim, vai poder demonstrar sua sensibilidade que não precisa estar necessariamente ligada à inteligência, pois nem sempre uma pessoa inteligente é uma pessoa afetiva.

Sabemos que a afetividade é um sentimento inerente ao ser humano, percebe-se esse gesto afetivo pela simples troca de olhar entre mãe e filho. Sendo assim, a afetividade é indispensável na comunicação humana, pois o indivíduo sente a necessidade de ser amado, respeitado, valorizado em todas as etapas de sua vida. De acordo com Gonsalves (2009, p.47): a “afetividade é a linha que possibilita a identificação com as outras pessoas, compreendê-las e amá-las. A afetividade é a fonte do processo empático”.

Assim a afetividade é um estado psicológico do ser humano que pode ou não ser modificado a partir das situações, podendo acontecer num primeiro momento ou não.

Para tanto, a afetividade é um dos aspectos centrais do desenvolvimento do ser humano. Basta observar nas reações das pessoas quando são afetadas por elementos externos como por exemplo um olhar do outro. E na sensação interna como o medo ou a alegria, por exemplo. Assim acabamos reagindo a esses elementos externos e internos respondendo de alguma forma. Isso faz parte da condição humana e é interpretada como afetividade, sendo pois, que todo ser humano é afetado positivamente ou negativamente e acaba reagindo a esses estímulos. De acordo com Wallon (apud ALMEIDA, 2012, p.123):

Embora o autor discuta em sua teoria o desenvolvimento da criança, os estágios pelos quais ela passa são revisitados pelo adulto durante toda a sua vida. O desenvolvimento de uma pessoa pressupõe as dimensões afetiva, cognitiva e motora integradas em momentos de alternância, e “a alternância provoca sempre um novo estado que se torna o ponto de partida de um novo ciclo.

Desta forma, apesar de ser a criança no primeiro momento a passar pelo ciclo dos estágios de desenvolvimento, o adulto vai reviver isso durante sua vida, onde há sempre um novo recomeço.

Retomando as discussões sobre afetividade, percebe-se que a afetividade deveria ser por parte dos educadores o fator primordial na educação, visto que, com afeto o ser humano é capaz de causar transformações não só educacional, como também social e cognitiva. Para Freire (apud ALMEIDA E MAHONEY, 2007, p. 60), “a afetividade é o território dos sentimentos das paixões, das emoções, por onde transmitam medo, sofrimento, interesse, alegria”.

A afetividade, com certeza, é um fator determinante para que o aluno, sendo ele criança, jovem ou adulto, permaneça presente na sala de aula, pois esse sentimento proporcionará o desenvolvimento pessoal e intelectual dos sujeitos. A motivação é também outro diferencial nas aulas, para tanto, todos têm que estar envolvidos nesse processo. Para Bzuneck (apud MORAES e VARELA, 2007, p. 3) “a motivação ou motivo, é aquilo que move uma pessoa ou que põe em ação ou a faz mudar de curso”.

Portanto, um aluno motivado é consequentemente um aluno comprometido e por isso ele ultrapassará as dificuldades que por ventura surgirem, nesse sentido, o professor deverá estar atento as múltiplas dimensões da docência, como o OLHAR, o ESCUTAR e o CRIAR. Com essas atitudes, os alunos se sentirão motivados a aprender.

Acredita-se que a afetividade é uma sensação de extrema importância para o ser humano nas suas relações interpessoais, influenciando no desenvolvimento geral, comportamental e cognitivo. Nesse sentido, o homem sente a necessidade de ser amado, respeitado e valorizado, pois o ser humano é um ser social por natureza e como tal necessita se relacionar com ele mesmo e com o mundo a sua volta. Quanto a isso, Kosloski e Ansai (2008, p. 7) pontuam: “sendo assim, nota-se que a afetividade influencia de várias e diferentes formas no agir e no desenvolvimento de cada indivíduo, uma vez que se age de acordo com os nossos sentimentos e emoções”

De fato, a pessoa que é impactada diretamente com a afetividade acaba sofrendo influência de determinadas ações afetivas, sejam elas positivas ou não. No entanto, essas ações são responsáveis pelo seu comportamento com o outro, seja no seio familiar, no interior da escola, no ambiente de trabalho, enfim dentro de uma sociedade. Afinal, quem já não teve o desprazer de ser mal atendido, mal tratado, mal percebido e nem sequer ouvido por integrantes desses grupos? É por isso que existe uma concordância com a afirmação de diversos autores no que se refere a influência variada da afetividade no agir e no desenvolver de cada um.

2.1 A importância da afetividade na aprendizagem

Sabe-se que o processo de ensino e de aprendizagem é um fenômeno pessoal que ocorre tanto a nível social, quanto universal, assim possibilitando o desenvolvimento do indivíduo na sociedade.

Para tanto, essa aprendizagem deverá considerar como fator principal o que o aluno já sabe, para que a partir daí possa construir novos conhecimentos assim formando novos conceitos, conceitos esses relevantes e significativos, onde o professor deverá estar atento, observando as necessidades de cada indivíduo, pois cada indivíduo traz consigo uma história de vida e como tal deve ser respeitada, cabendo a esse educador estar preparado, qualificado para trabalhar com entusiasmo, pois, assim, os educandos se sentirão seguros e motivados a aprender, observando, escutando e criando, pois com afeto esses educandos se sentirão respeitados e não só mais um entre muitos. Saber a necessidade de cada um é, saber que cada um tem um tempo e uma maneira de aprender. Segundo Freire (2011, p.111): “somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele. Mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente”.

Portanto, só o educador que tem a capacidade de escutar o aluno, é quem vai possibilitar a esse mesmo aluno condições de expressar o que pensa, sendo certo ou errado, cabendo ao professor fazer as intervenções necessárias para que ele chegue à aprendizagem necessária. Para que essa aprendizagem seja significativa, ou seja, que ele tenha entendimento do que aprendeu e faça relação com sua vida, sem que o professor tenha que impor condições para que essa aprendizagem aconteça, ela

tem que acontecer de maneira gradativa, respeitando o limite de cada aluno, auxiliando na reconquista de sua autoestima.

O educador, enquanto mediador nessa aprendizagem, deverá ser o condutor que levará informações significativas para seus alunos e os mesmos transformá-las em novos conhecimentos.

Outra ação que favorece a aprendizagem e a motivação dos alunos é o diálogo, a prática utilizada para conhecer e diagnosticar o desenvolvimento, os avanços e dificuldades dos sujeitos. De acordo com Freire: (apud LEITE, 2013, p. 80-81):

O que tenho dito sem cansar, e redito, é que não podemos deixar de lado, desprezado como algo imprestável, o que educandos, sejam crianças chegando à escola ou jovens e adultos ao centro de educação popular, trazem consigo de compreensão do mundo, nas mais variadas dimensões de sua prática na prática social de que fazem parte. Sua fala, seu modo de contar, de calcular, de seus saberes em torno da saúde, do corpo, da sexualidade, da vida, da morte, da força dos santos, dos conjures.

Assim, não se pode desconsiderar o que os educandos já sabem de conhecimentos quando chegam à escola, ao contrário, deve-se deixar essa ideia de que o professor é que vai iluminar o aluno. Mas sim, que ele deverá criar situações que favorecem a aprendizagem de crianças, jovens e adultos. Nesse sentido, os educadores devem criar situações em que os alunos se sintam confortáveis para se expressar e poder compartilhar seus conhecimentos prévios com os demais, fazendo com que o educador possa obter um diagnóstico de cada aluno, para a partir daí, juntamente com eles e para eles, desenvolver atividades que venham contemplar todos de acordo com suas especificidades.

A afetividade tem implicações positivas no processo de ensino e de aprendizagem, visto que, quando existe empenho, tanto por parte do professor, quanto por parte do aluno, o ambiente educacional torna-se motivador, a ponto de levar os sujeitos a se envolverem com mais entusiasmo nesse processo. O diálogo contribui na relação de parceria, apoio e cumplicidade, sendo muito importante para a construção de um vínculo afetivo entre aluno e professor durante o processo de construção da aprendizagem. Conforme Freire (1979, p. 15):

Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita.

Sabe-se que o amor é capaz de fazer grandes transformações no ser humano, na educação não é diferente, pois cada educando traz consigo amor, frustrações, cabe ao mesmo observar cada um, pois sabemos são únicos cheios de especificidades. Assim a ação do professor ocorrerá com dedicação sem imposição, com respeito, desse modo os alunos se sentirão seguros e capazes de realizar suas tarefas escolares com prazer.

Portanto, saber a necessidade de cada um é saber que cada um tem um tempo e uma maneira de aprender. O educador enquanto mediador nessa aprendizagem, deverá ser o condutor que levará informações significativas para seus alunos e os mesmos transformá-las em novos conhecimentos.

Vive-se hoje num mundo cheio de competitividade, individualismo, onde as pessoas costumam agir com indiferença aos problemas do outro, demonstrando pouco sentimentos de empatia, mas se o educador estiver preparado, qualificado, ele terá condições de fazer grandes transformações entre os alunos, fará com que deixem de lado a competitividade e o individualismo, criando situações de cooperação no ambiente escolar, fazendo com que esse ambiente se torne saudável tanto na organização quanto na interação entre os alunos. Freinet (apud ANTUNES, 2012, p. 156), afirma que “a força da pessoa está na organização de seu grupo e que sua turma era mesmo como um “time” sustentado pelo amor recíproco e pelo sentimento de que quem mais coopera melhor é”.

Fazendo um paralelo com o teórico Célestin Freinet, acredita-se que assim os alunos se sentirão como fazendo parte de um time, e que esse time só ganha se todos tiverem sucesso.

Assim, o professor estará cumprindo seu papel de professor, ao contribuir para o desenvolvimento de cidadãos, para uma sociedade verdadeiramente democrática, favorecendo a formação de um cidadão responsável. Segundo Oliveira (2012, p. 2):

A influência que o professor tem na sala de aula é enorme, pois ele tem a capacidade de cativar ou não o aluno, sendo que é a partir daí que ele vai estabelecer um clima que pode favorecer ou desfavorecer a aprendizagem, já que está se dá também, a partir da construção de um bom relacionamento em sala de aula.

O professor passa a ser importante para os alunos a partir da construção do vínculo afetivo positivo dele com sua turma. Para tanto, o professor deve desenvolver sua prática educativa baseada no diálogo, no respeito pelos saberes dos alunos, em saber escutá-los e querer bem à turma, deixando bem claro o quanto ele valoriza o esforço que cada aluno faz para permanecer em sala de aula. Certamente o ambiente será agradável e favorável ao desenvolvimento de uma aprendizagem significativa, atuando diretamente no nível afetivo e cognitivo do aluno.

2.2 A afetividade na aprendizagem dos/as alunos/as da EJA

O aluno da EJA é um sujeito peculiar. No entanto, para atender a essas peculiaridades é necessário ações educativas e motivadoras regadas de afeto e sensibilidade para conquistar a confiança desses alunos. Por isso, apesar das propostas da modalidade de ensino EJA, por serem diferenciadas, pois, abrangem sujeitos peculiares e por serem diferenciados conforme seus sonhos e desejos, existe algo em comum, entre eles, o desejo de aprender. É aí que a figura do professor, que constrói baseado no afeto a relação com seus alunos, se torna importante para o processo de ensino e de aprendizagem deste perfil de aluno. Segundo as concepções de Freire (apud LEITE 2013, p. 79-80): “destacando entre as mais importantes características docentes: a valorização dos conhecimentos do aluno, a presença constante do diálogo, a atuação mediadora construtiva, a importância de criar um vínculo afetivo positivo”.

Nesse sentido, é preciso para tanto, que o educador esteja envolvido nesse processo, para que haja uma transformação social desse sujeito, valorizando seus conhecimentos prévios, através do diálogo. Acredita-se que só com o afeto pode-se envolver algo ou alguém, dando um direcionamento não como simples expectador, mas como um agente transformador.

Assim, por exemplo, podemos citar as experiências vivenciadas dentro da sala de aula durante a nossa graduação no Curso de Pedagogia, pois por não sermos tão jovens e termos mais compromissos que a maioria das nossas colegas mais jovens, tivemos um pouco mais de dificuldade na aprendizagem. No entanto, foi aí que percebemos que a relação de afetividade que construímos com muitos dos nossos professores nos motivou e nos fortaleceu para continuarmos com alegria e orgulho, o nosso curso superior. Segundo Oliveira (2012, p.3):

A união entre professor e aluno acontece quando o diálogo estabelecido entre eles é saudável e de qualidade, assim, eles criam um laço de "amizade", que beneficia todo o processo de aquisição do saber, visto que, é óbvia a capacidade que o professor tem de conquistar a atenção do aluno e despertar seu interesse para as discussões que serão feitas na sala de aula.

Contudo, se o educando ao chegar na escola não encontrar esse ambiente favorável, ele ficará desestimulado e conseqüentemente não retornará as aulas. Para que isso não aconteça o professor deverá construir um ambiente saudável, tanto na interação entre os alunos quanto na organização (ambiente adequado para essa faixa etária, com cadeiras apropriadas, ornamentação que faça relação com o público da EJA, a iluminação que facilite a desenvolvimento de atividades e materiais didáticos atualizados de acordo com a necessidade desses alunos entre outros), quanto a interação entre os alunos, entre outros aspectos.

Tendo em vista que os alunos da EJA são aqueles que deixaram os estudos inacabados, eles tendem a assumir o sentimento de não pertencer ao ambiente educacional, todavia essa situação, na maioria das vezes, ocorreu por dificuldade de acesso ou por impossibilidade de permanência, tendo como consequência não concluir os estudos em idade regular. É pensando nesse sujeito que tem pouco estudo, ou nenhum, e, que deixou de frequentar a escola, que a modalidade da EJA busca assegurar oportunidades educacionais para tentar amenizar suas perdas, proporcionando acesso ao ambiente escolar onde essas pessoas irão entrar em contato com a organização sistematizada dos conhecimentos, sem deixar de lado os saberes já adquiridos pelos alunos.

Todos possuem uma trajetória de vida em particular, mas todos carregam um sentimento de exclusão da escola. São jovens e adultos que além de excluídos do processo de escolarização, internalizam que a escola não é o lugar deles. Para Freire (2011, p.71):

É preciso ficar claro que a desesperança não é maneira de estar sendo natural do ser humano, mas distorção da esperança. Eu não sou primeiro um ser da desesperança a ser convertido ou não pela esperança. Eu sou, pelo contrário, um ser da esperança que, por "n" razões, se tornou desesperançado. Daí que uma das nossas brigas como seres humanos deva ser dada no sentido de diminuir as razões objetivas para a desesperança que nos imobiliza.

Sendo assim, o professor deve criar situações afetivas e educacionais favoráveis que resgatem a autoestima do aluno, fazendo com que ele se sinta capaz

e confiante, pois através dessa confiança se consegue fazer com que esse aluno se torne esperançoso.

Sabe-se do quanto é delicada a situação do aluno da EJA, e que o processo de ensino e de aprendizagem para esse grupo pode ajudar a retomar a confiança em si mesmo através da influência do meio afetivo, construídos pela relação professor e aluno. Pois, a maneira como o professor(a) se relaciona com o seu aluno, como planeja as atividades, a forma de dialogar com todos e com cada um deles é de fundamental importância para criar motivação para aprender, elevando a autoestima do aluno que muitas vezes chega desesperançado na sala de aula.

O afeto vem trazer além da confiança, a vontade desse aluno a retornar a sala de aula, evitando assim a desistência que é algo preocupante nessa modalidade de ensino, para tanto cabe ao professor, segundo Almeida (2000, p. 84):

Entra aí o papel do [do professor] de organizador de ambiente, transformando um frio ambiente físico em um ambiente acolhedor, cheio de atrativos, que desperte o interesse [...] e proporcione atividades significativas, demonstrando que o professor está percebendo as necessidades de seus alunos naquele momento.

Com certeza esse professor que melhor organizar seu ambiente de trabalho com planejamento adequado, que proporcione aulas dinâmicas, vai contribuir com o aprendizado significativo de seu educando, visto que esse é apreendido de maneiras diferentes.

A afetividade, com certeza, é um fator determinante para que os alunos da EJA permaneçam na sala de aula, pois esse sentimento pode provocar o desenvolvimento pessoal e intelectual do aluno dessa modalidade de ensino. Além da afetividade, o interesse também é um fator que contribui nesse processo, já que facilitará uma aprendizagem significativa, pois quando perguntado ao um aluno da EJA o que ele mais espera da escola, ele responde: aprender a ler e escrever. Essa motivação ocorre por várias razões, uns para poder assinar o nome, outros para pegar um transporte, outros para ensinar as tarefas a seus netos, seja qual for a finalidade eles estão ali para aprender e cabe ao educador ter o compromisso com esses educandos, fazendo a mediação entre esse aluno e o conhecimento, com o objetivo de que os alunos da EJA tenham uma aprendizagem significativa que lhe sirva para a vida em sociedade. Para Wallon (*apud* ALMEIDA, 2012, p.140):

A escola é o lugar onde o sujeito aprende a vida social e democrática, não só pelo conhecimento dos livros, mas também pelas experiências da vida cotidiana, por meio de pesquisas, levando os alunos a uma análise crítica da estrutura social, administrativa e política. Preconiza que a escola pública deve se responsabilizar pela formação integral do aluno, desenvolvendo valores morais dignos de um cidadão comprometido com os problemas sociais vigentes em sua realidade.

Além do afeto o professor deverá ativar no aluno o seu conhecimento prévio, estimulando o diálogo sobre o que o aluno já sabe, sobre um determinado assunto que se deseje trabalhar. Com isso, o aluno se sentirá estimulado, valorizado e com razões suficientes para continuar na escola, que é seu lugar. Lugar esse que deverá estar preparado e habilitado com professores e todo o corpo institucional para receber esses alunos e oferecer uma educação de qualidade.

A EJA, visa escolarizar e socializar esses indivíduos que não tiveram, ou lhes foram negados, o direito à educação. A EJA tem como objetivo central formar o cidadão na sua totalidade, fazendo que esse aluno possa refletir a realidade a sua volta, podendo dar opinião, participar da sociedade como outro agente qualquer, pois como tal, ele é um cidadão apto a exercer seus direitos, bem como resgatar a autoestima desse sujeito, fazendo com que ele se sinta capaz e confiante, pois através dessa confiança conseguirá fazer com que o aluno permaneça em sala de aula.

Sendo assim, o professor deverá estar atendo às necessidades que se apresentarem a cada sujeito, ajudando a resgatar a autoestima como também o afeto. De acordo com Almeida (2012, p. 61):

Para esse tipo de educação, é necessário um preparo profissional específico. O fato de o docente muitas vezes não possuir esse preparo e, principalmente, atuar pela primeira vez com esses educandos representa uma situação provocadora de emoções e sentimentos, visto que muitos componentes ali envolvidos constituirão uma novidade para ele e ainda terá de lidar com isso para poder desenvolver as atividades escolares.

Objetiva também reconhecer os conhecimentos prévios dos alunos, fazendo uma interação dos conhecimentos anteriores com os novos, assim formular novos conhecimentos, conhecimentos estes que deverão fazer sentido em sua vida.

A escola tem que proporcionar as condições necessárias para que o aluno não abandone seus estudos, com aulas dinâmicas, que façam parte da sua realidade, que eles possam se expressar, e não só copiar. Assim, sentirão que fazem parte dessa escola e que são importantes, fazendo a interação com seus colegas e sua comunidade, portanto atingindo o objetivo da EJA que é de que os educandos dessa

modalidade de ensino consigam fazer a leitura de mundo em que estão inseridos, podendo refletir criticamente não apenas receber conhecimentos, mas ao adquirir conhecimentos possam analisar e transformá-los na medida que melhor lhe convier.

Nesse olhar, a EJA tem como fundamental importância resgatar a autoestima desses educandos que estão excluídos.

É notório que, ao nos depararmos como alunas que participam de estágios supervisionados, presenciamos na realidade dos diários escolares, registros, dos quais os conteúdos dos diários não correspondem à realidade da sala de aula. No entanto isso parece não incomodar às pessoas responsáveis por essa situação, que não buscam uma solução, ou o conhecimento do que realmente está acontecendo para que essa situação não aconteça. De fato, é que muitos alunos, logo no início do ano, desistem, outros ficam até o final, mas muitas vezes chegam ao meio do ano e quando veem que não vão passar de ciclo, terminam desistindo de estudar. Será que a culpa está no estudante? Ou no sistema de ensino que até agora não conseguiu identificar o problema desse abandono dos alunos das salas de aula? Caberia a todo o corpo docente, à gestão, aos poderes públicos, buscarem uma solução para que pessoas que estão excluídas não desanimassem de estudar, pois sabe-se que o futuro de um país depende de sua educação e para tanto, necessita-se que as pessoas sejam elas crianças, jovens e adultos tenham esse direito, direito esse assegurado na Constituição Federal Brasileira.

Entretanto se não houver aulas dinâmicas, com a participação dos alunos, onde o professor só reproduza o que vem nos livros didáticos, isso fará com que esse aluno que vem cansado de mais um dia de trabalho, fique desmotivado e aos poucos vá deixando de frequentar as aulas. No entanto, entra aí a figura do professor comprometido com esses alunos por saber de suas histórias de vida, procurar saber o motivo de sua ausência, telefonando, indo a sua residência se possível, mandando recado por alguns colegas para que aquele aluno faltoso retorne à sala de aula e procure ofertar um ambiente agradável, afetivo, alegre com aulas criativas onde esses alunos possam participar e fazer a relação do que está sendo estudado com sua vida, dando exemplos de seu cotidiano. Assim acredita-se que esse aluno se sentirá respeitado e como tal não deverá mais deixar a sala de aula, pois ele vai sentir confiança no seu professor e se preciso fazer as intervenções que forem necessárias para que as aulas se tornem mais dinâmicas. Para isso, o professor deverá estar aberto as novas mudanças. De acordo com Gonsalves (2009, p.46):

Considerar o desenvolvimento da metacognição nas atividades escolares significa incluir como objetivo: a aquisição de estratégias que possibilitem ao aluno planejar e monitorar o seu próprio desempenho; e a vivência de experiências que colaborem na tomada de consciência dos processos que ele utiliza para aprender.

Assim, não necessariamente o professor deverá escolher todos os materiais para utilizar com seus alunos, mas aproveitar as experiências de vida de cada aluno e com elas criar situações favoráveis que venham colaborar para uma aprendizagem que faça relação com sua vida.

E como o professor e a escola podem demonstrar para o sujeito da EJA o quanto ele é importante no ambiente escolar?

Acredita-se que o espaço escolar precisa de estrutura adequada para acolher o público tanto infanto-juvenil como o público da EJA, que fazem o uso do espaço escolar no período noturno. Na realização de planejamentos que tenham a preocupação de conhecer a realidade dos alunos da EJA, buscando conhecer o cotidiano desses sujeitos objetivando trazer para dentro dos muros da escola a realidade que é vivida por essas pessoas que são vítimas do desemprego, da violência em geral e tantas causas que lhes impediram e impedem de frequentar a escola e ainda assumem a culpa de seus fracassos.

São vários os fatores que contribuem para que o aluno da EJA não retorne à escola. Segundo Leite (2011, p.74):

[...] a realidade das salas de EJA, frequentemente funcionam em escola construídas para atender a população infantil, ou seja, possuem uma arquitetura pensada para crianças. Assim, as salas de EJA funcionam no período oposto ao das aulas regulares. Essa representação social não está expressa apenas na arquitetura, mas no imaginário da sociedade, o que agrava o sentimento do adulto de não pertencer ao espaço escolar.

Não é de hoje que essa realidade está sendo discutida nos Seminários pelos educadores, pelos educandos, que as salas de aulas não são adequadas para os estudantes da EJA, visto que esses educandos, em sua maioria, são idosos e caberia uma maior atenção por parte dos governantes na hora de organizar o currículo para a EJA e principalmente as salas de aulas com ambientes adequados a essa modalidade de ensino e não ambientes que sejam aproveitados de outras turmas, que não condizem com sua realidade, com mobília e estrutura especial adequada aos adultos.

Os educadores devem criar situações em que os alunos se sintam confortáveis para se expressar e poderem compartilhar seus conhecimentos prévios com os demais. Assim fazendo o educador, pode elaborar um diagnóstico de cada aluno, para a partir daí juntamente com eles e para eles desenvolver atividades que venham contemplar a todos de acordo com suas especificidades.

No mundo, assim como no Brasil, aconteceram mudanças significativas na Educação desde a colonização até os dias atuais. Muito tem sido feito, mas muito ainda se tem para ser feito pensando na melhoria do ensino. Já na EJA a realidade é diferente, visto que essa modalidade de ensino é vista por muitos como um arranjo no setor da educação, havendo portanto a necessidade de engajamento por parte das autoridades públicas, professores, diretores, alunos e a sociedade em geral para mudar essa realidade, fazendo com que a EJA seja um resgate dos conhecimentos prévios dos alunos, pois a aprendizagem tem como fator mais importante o que o aluno já sabe, pois cada sujeito vem trazendo consigo histórias de vida importantes, e como tal devem ser respeitadas. A partir daí fazer um planejamento adequado para que esse aluno da EJA sinta-se seguro. De acordo com Cruz et al. (2015, p.13):

Entende-se que o ambiente de ensino por si só, é um local de interações interpessoais. Na busca por um ambiente saudável, se faz necessário que os alunos e os professores possam gerar e praticar respeito e confiança em relação ao outro. Assim, o docente deve permitir que os alunos vivenciem certo nível de liberdade responsável, gerando confiança, entusiasmo, e consequentemente, o seu envolvimento.

Sabe-se que um ambiente de ensino afetuoso proporciona entre os sujeitos o desejo de participar e de aprender, como também incorporar a autoconsciência de ser parte integrante desse ambiente, que proporciona além das relações interpessoais, a construção de respeito, da liberdade, da confiança e algo muito importante; a autoestima dos sujeitos.

Por fim, acredita-se na importância da prática de dar voz aos alunos dentro da sala de aula, tanto na interação professor/aluno, quanto aluno/professor e aluno/aluno, com o objetivo de construção de uma aprendizagem prazerosa, valorizando assim, os conhecimentos e visão de mundo que eles carregam consigo, pois a ausência dessa interação pode desmotivar os alunos e até comprometer a relação destes com o aprendizado dos conteúdos.

3 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA E O PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 Campo de pesquisa

Aqui apresentaremos o nosso campo de pesquisa, posteriormente faremos a apresentação dos sujeitos e por fim a exposição do percurso metodológico para uma melhor compreensão da investigação.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor João Gadelha de Oliveira Filho, está localizada na Rua João Ivan de Assis da Costa, nº 108 no bairro de Mangabeira VII, Cep: 58055-720 – João Pessoa/PB. Foi criada na administração do Prefeito Francisco Xavier M. de França e recebeu em princípio o nome de Escola Municipal Maritônia Pedro da Silva em 1993.

Em 1996, passou a ser chamada de Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor João Gadelha de Oliveira Filho em homenagem a um jovem professor de música da UFPB, nascido em 10/08/1960 e falecido em um trágico acidente de carro em 25/06/1994.

João Gadelha foi membro da Banda de Música Municipal e participava de projetos envolvendo crianças e adolescentes através da música.

Para fazer jus ao nome do citado professor, essa Unidade de Ensino que leva o nome desse educador, hoje desenvolve ações pedagógicas e sociais como forma de resgatar e formar bons cidadãos, tendo como compromisso: a Educação de qualidade, a formação continuada dos educadores voltada para a formação crítica e humanizada. Dessa forma, se busca, então, atender as peculiaridades do público envolvido como educadores, educandos e comunidade. Ou seja, a escola está sempre aberta nos três horários para atender as necessidades da comunidade para reuniões, eventos esportivos e religiosos, entre outros.

Imagem 1 - Lateral da Escola E.M.E.F Profº João Gadelha de Oliveira Filho



Fonte: Arquivo pessoal

Imagem 2 - Entrada da Escola E.M.E.F Profº João Gadelha de Oliveira Filho



Fonte: Arquivo pessoal

A escola oferece Educação Fundamental I (Pré II ao 5º ano), Ensino Fundamental II (6º ao 9º), PROJOVEM e Educação de Jovens e Adultos (EJA- Ciclos) que foi extinto no ano de 2017. Por ordem do atual prefeito foram fechadas várias turmas da Modalidade do Ensino EJA do turno noturno em várias escolas da rede municipal em João Pessoa.

A Educação de Jovens e Adultos da EMEF Profº. João Gadelha de Oliveira Filho é era composta pelos Ciclos de Alfabetização; Ciclo I; Ciclo II; Ciclo III e Ciclo IV.

A Escola Municipal Professor João Gadelha de OliveiraFilho, durante o ano letivo de 2016, teve 476 alunos num total de matrículas. Sendo 230 nas séries iniciais, 165 nas séries finais e 81 alunos na EJA.

A estrutura física da escola apresenta-se da seguinte forma: 10 salas de aula; 01 sala dos professores; 01 sala para o SOE; 01 biblioteca; 01 secretaria; 01 sala de direção; 01 depósito; 01 sala de informática; 01 laboratório de Ciências/Jogos; Salas do Mais Educação (interna/externa); Cozinha com dispensa; Quadra de esportes; Pátio interno/Refeitório; Sala de atendimento especial; Sala da banda; 02 pracinhas; 08 banheiros para os alunos (masc./fem.); 01 banheiro com acessibilidade; 01 banheiro para funcionários.

No que se refere à composição do quadro de funcionários da escola, existem: 35 Docentes; 04 Diretoras; 05 Especialistas; 08 secretários; 03 Bibliotecárias; 02 Monitores de Informática; 02 Monitores da sala de Ciências/Jogos; 01 Regente da banda; 01 Coreografo; 06 Cuidadoras; 02 Monitores da sala de atendimento especial; 07 auxiliar de serviço; 05 Inspetores; 04 Vigias; 01 Professora comunitária do Mais Educação; 03 Professores readaptados.

A escola objetiva promover a prática pedagógica efetiva e toma como ponto de partida temas norteadores, buscando estabelecer relações entre educando, educadores e família, de forma integrada e contextualizada, vinculada às situações do dia a dia dos educandos segundo informações fornecidas pela escola, contidas no Projeto Político Pedagógico (PPP).

As famílias que estão integradas à Escola são de baixa renda e renda média-baixa. São sujeitos que apresentam dificuldades com alimentação, violência doméstica, moradia popular, baixa escolaridade entre outros aspectos.

De acordo como as condições citadas acima percebe-se que alguns educandos trazem consigo algumas realidades marcadas de difícil modificação, pois as

oportunidades que estão perdendo são irrecuperáveis, o que acarreta deficiência de aprendizagem, falta de estímulo intelectual, desajustes no lar e nas relações afetivas dentro do ambiente escolar. Consequentemente, o processo educacional expressa índices de repetência e evasão, ou seja, enormes prejuízos para o educando.

Após termos uma visão geral do público que é atendido pela Escola Prof^o. João Gadelha Oliveira Filho, por informação fornecida pela gestão escolar, fomos apresentadas pela diretora da escola diretamente às professoras responsáveis pelas turmas do Ciclo I e Ciclo II que serão identificadas por Lúcia (professora do ciclo I) e Dalva (professora do ciclo II) com o objetivo de manter suas identidades preservadas. Assim como também nos apresentamos aos alunos que participaram da nossa pesquisa que serão identificados por nomes fictícios mantendo em sigilo suas identidades. Os alunos da turma do Ciclo I serão identificados como: Maria José e Edileuza e os alunos da turma do Ciclo II como: Francisco, Solange e Maria da Conceição.

Imagem 3 - Sala de aula da EJA



Fonte: Arquivo pessoal

3.2 Percurso Metodológico

O presente trabalho teve como primeiro momento a pesquisa bibliográfica sobre a temática afetividade, a fim de se conhecer o universo a ser apresentado sobre o que pensam os teóricos sobre o assunto. Para tanto, houve uma pesquisa bibliográfica de artigos científicos na plataforma de periódicos da CAPES, e nas bases do Google Acadêmico, utilizando os termos: afetividade na EJA; afetividade no processo de ensino e aprendizagem; e afetividade, sendo selecionados além dos artigos, trabalhos de conclusão de curso. Considerando a ideia de Prestes (2012, p.30):

A pesquisa bibliográfica é aquela que se efetiva tentando se resolver um problema ou adquirir conhecimentos a partir do emprego predominante de informações provenientes de material gráfico, sonoro ou informatizado.

Para efetuar esse tipo de pesquisa, deve-se fazer um levantamento dos temas e tipos de abordagens já trabalhados por outros estudiosos, assimilando-se os conceitos e explorando-se os aspectos já publicados, tornando-se relevante levantar e selecionar conhecimentos já catalogados em bibliotecas, editoras, videotecas, na internet entre outras.

Após a pesquisa bibliográfica seguimos o roteiro do trabalho de natureza qualitativa. A pesquisa qualitativa tem como função principal interpretar o fenômeno que observa. Tem como vantagens deixar que os pesquisadores pensem livremente sobre determinado tema que está sendo abordado, deixando-os se expressar livremente. De acordo com Menga (apud MARCONI E LAKATOS, 2011, p. 271) o estudo qualitativo “é o que se desenvolve numa situação natural; é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”.

De acordo com o tipo de pesquisa escolhida, acreditamos que os melhores instrumentos para a coleta de dados seriam a observação e a entrevista semiestruturada. Na observação, o pesquisador não interfere na situação investigada. Ela nos dará suporte para uma melhor preparação e formulação das perguntas a serem feitas para os sujeitos da pesquisa. De acordo com Marconi e Lakatos (2015, p.76):

A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar. É um elemento básico de investigação científica, utilizado na pesquisa de campo e se constitui na técnica fundamental da Antropologia.

No primeiro momento, fomos até o local onde seria realizada a nossa pesquisa nos três horários para observar o funcionamento da escola, e pudemos observar que a Escola está sempre assistida pelos seus dirigentes nos três turnos. Contradizendo comentários de que a escola só funciona bem no horário diurno.

No segundo momento, utilizamos a observação, buscando observar o meio em que os sujeitos estão inseridos.

Conforme as visitas foram acontecendo fomos registrando as situações que ocorriam na sala de aula, tais como: os horários de chegada e saída dos alunos e das professoras, a atenção das professoras para com os alunos no desenvolver das aulas, se as professoras traziam consigo seus planos construídos previamente, se caso só estivesse presença de um único aluno, se a aula seria ministrada ou não, e outras situações. Pois, de acordo com Barros e Lehfeld (2007, p.74):

Observar é aplicar atentamente os sentidos a um objeto para ele adquirir um conhecimento claro e preciso. É um procedimento investigativo de suma importância na ciência, pois é por meio dele que se inicia todo o estudo dos problemas. Portanto, a observação deve ser exata, completa, sucessiva e metódica.

Após as nossas observações, pudemos pensar melhor na questão da afetividade entre os sujeitos no âmbito educacional. Depois, buscamos elaborar de maneira clara e precisa as perguntas que iriam compor a nossa entrevista, procurando basear nossas questões de acordo as ideias e pensamentos dos teóricos a respeito da afetividade no processo de aprendizagem do aluno da EJA. Portanto, esse momento foi relevante para a construção desse trabalho porque tivemos a oportunidade de nos aproximar em relação a categoria da afetividade, tanto da teoria quanto da realidade observada.

Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com 07 (sete) sujeitos. Sendo 05 (cinco) alunos e 02 (duas) professoras da EJA.

Utilizamos como instrumento a entrevista semiestruturada, por considerarmos um instrumento facilitador para obtermos as informações desejadas, pois a mesma

“permite tratar de temas complexos que dificilmente poderiam ser investigados adequadamente através de questionários, explorando-os em profundidade”. (ALVES-MAZZOTTI, apud MARCONI E LAKATOS, 2011).

Por fim, organizamos todo o material coletado através das observações e da entrevista semiestruturada a fim de obtermos as respostas para os nossos questionamentos.

No que se refere à entrevista semiestruturada consideramos de maior eficácia por ser um instrumento facilitador para o sujeito pesquisado, por deixá-lo à vontade para expressar-se livremente no momento da abordagem, uma vez que conhecemos o universo que esses sujeitos atuam e como esse instrumento pode alcançar todos eles, alfabetizados ou não. Sendo como fator facilitador na entrevista semiestruturada o entrevistador tem a liberdade de poder repetir a pergunta quantas vezes for necessária para uma melhor compreensão por parte do entrevistado e com isso obter repostas mais precisas. De acordo com Marconi & Lakatos (2015, p. 80):

A entrevista é um Encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.

Para realizarmos a entrevista, procedemos da seguinte maneira: falamos com a professora do Ciclo I (Lúcia e suas alunas Maria José e Edileuza) e em seguida com a professora do Ciclo II (Dalva e seus alunos Francisco, Solange e Maria da Conceição) e explicamos que iríamos entrar numa nova etapa de nossa investigação, realizando entrevistas gravadas, considerando o seu consentimento, para o qual todos concordaram. Utilizamos o espaço da biblioteca, por ser um ambiente mais silencioso, evitando barulhos externos.

3.3 Sujeitos da Pesquisa

Foram sete sujeitos. Cinco alunos e duas professoras. Sendo duas alunas do Ciclo I, Maria José e Edileuza, e três do Ciclo II, Solange, Francisco e Maria da Conceição. Que foram identificados com nomes fictícios, assim, como as professoras Lúcia do Ciclo I e Dalva do Ciclo II.

No tocante à coleta de dados, o material resultante da pesquisa foi analisado e organizado considerando os conceitos e categorias que identificamos na fundamentação teórica.

4 A RELEVÂNCIA DA AFETIVIDADE NAS SALAS DA EJA

Afim de alcançar os nossos objetivos e para tentar responder ou compreender as nossas inquietações, quanto à importância da afetividade no processo de ensino e de aprendizagem dos alunos da EJA, realizamos uma seção de entrevista com os sujeitos (alunos e professoras) da nossa investigação, cuja intenção era de verificar através das respostas das entrevistadas se a afetividade realmente pode influenciar na relação do professor com o aluno. Para tanto, foi necessário observar e analisar as ações praticadas pelas professoras e pelos alunos durante a construção e a troca de saberes na sala de aula.

Assim sendo, analisar as relações de afeto que acontecem entre professor e aluno para que se alcance uma aprendizagem significativa, tanto o aluno quanto o professor deverão estar dispostos a criar laços de amizade, confiança, afeto, pois esses laços vão ser fortalecidos ao longo de sua trajetória escolar, contribuindo para que esse processo de aprendizagem aconteça com naturalidade. Assim, é de suma importância o compromisso do professor com o aluno, especificamente em se tratando de um aluno da EJA, no sentido de haver o planejamento adequado, mobília, livro didático, estratégias de ensino, que venham a contemplar a todos que ali estão inseridos. Pois sabemos que existem faixas etárias diferenciadas cabendo ao professor estar atento e compromissado em reconhecer os pontos fracos e fortes de cada aluno, e a partir daí fazer um diagnóstico desses alunos, criando aulas que venham favorecer essa aprendizagem.

Desta forma, visando a alcançar os objetivos de trabalho, como já mencionamos anteriormente, além das observações, foram realizadas entrevistas com (02) duas professoras: sendo (01) do Ciclo I e outra do Ciclo II e (07) alunos, (02) duas do Ciclo I e (03) três do Ciclo II.

4.1 Os alunos da EJA e a afetividade no ambiente escolar

Durante o nosso período de pesquisa, explicamos aos alunos das duas turmas da EJA da EMEF- João Gadelha de Oliveira Filho, o objetivo de nosso trabalho. Então os convidamos para responderem à entrevista. Cinco alunos se dispuseram a participar.

Aos iniciarmos com a nossa entrevista percebemos que dos cinco entrevistados apenas (01) um demonstrou não saber responder, mas os outros (04) quatro expressaram sua opinião com clareza às perguntas. O que você entende por afetividade, foi nossa primeira questão. Percebemos na fala da aluna Solange que seu entendimento sobre afeto está relacionado diretamente às professoras, pois comenta:

É maravilhosa. [...] Eu estudei dois anos com Lúcia, no primeiro Ciclo, não quis ir pra Dalva. Eu passei mais eu não quis ir. Besteira minha né? Eu digo vou ficar aqui porque lá em Dalva escreve muito, por causa desse problema na mão mesmo. Aí eu não fui, mais eu me arrependi. Esse ano eu fui e gostei muito. Todas duas, as que eu já estudei é um amor, muito afetiva mermo, muito, excelente.

Outros três alunos souberam expressar de modo mais abrangente seu entendimento sobre a afetividade:

Eu entendo é como se diz: a pessoa ter uma forma de carinho com a outra pessoa. Eu entendo que é assim você ser bem carinhosa com a outra pessoa em relação ao professor, as pessoas que teja né circulando com a gente na sala de aula né. Quando a gente chega, quando a pessoa sente falta da gente. É porque você sabe que é uma forma de carinho das pessoas. O que eu entendo por afetividade é isso. (MARIA DA CONCEIÇÃO).

Afetividade é uma pessoa que tem amor, bondade com outra pessoa, trata a pessoa bem, com carinho, uma boa noite ou então oi. Já é uma afetividade boa, ne? Ou então, como vai fulano? Tudo bem? Como passou o dia? Eu já gosto de perguntar isso a minha professora. As vezes ela tá meia churunga por ali, aí eu chego assim, oxê professora que foi que houve? A senhora teve doente? (Risos), pra mexer com ela né? Não é nada porque eu tô cansada, trabalhei muito. Realmente a mulher dona de casa trabalha com força viu! (Risos). (FRANCISCO).

É.... É a maneira carinhosa de falar, se dirigir ao aluno. Respeito pelo aluno né. A maneira de falar, falar com carinho, falar com educação, ter respeito pela pessoa. (EDILEUZA).

Diante das falas dos estudantes Maria da Conceição, Francisco e Edileuza temos como elementos definidores da afetividade amor, respeito, carinho, bondade, ter a preocupação com o outro e tratá-lo bem. Ou seja, os alunos trazem consigo a ideia de que afetividade está ligada a ser sensível, às outras pessoas. Eles também comentaram sobre o afeto no ambiente escolar com relação à professora e aos colegas. Acreditamos que todo profissional da educação que valoriza as atitudes regadas a afeto, vive e as considera importante para a aprendizagem, pois ela só tem

a contribuir para o crescimento educacional e pessoal do aluno da EJA, já que todos os entrevistados destacaram a presença do afeto nas relações educativas. De acordo com o pensamento de Freire (1979, p.15) “Não há educação sem amor” [...], acreditamos que com o amor essa aprendizagem vai fluir com mais facilidade, pois o amor é capaz de transformar as pessoas. Assim sendo, elas são capazes de se reinventar nas situações mais adversas que por ventura venham a surgir.

Quando indagamos aos alunos: Você acha que é importante a presença da afetividade na relação professor aluno e se isso acontecia com ele dentro da sala de aula, quatro alunos entrevistados tiveram respostas semelhantes ao responderem, “Sim”. Confirmaram, desse modo que é importante a relação de afetividade entre professor aluno e que isso acontece com eles na sala de aula.

Uma aluna descreveu em seu relato o que ela percebia como característica da presença da afetividade dizendo:

Eu acho porque como se diz é uma forma da gente saber que a professora tem um carinho por você, que aí a gente dá mais ânimo pra gente vim pra escola. Porque saber que a professora é uma pessoa super legal, é carinhosa com a gente, tem paciência. Aí, por isso que eu acho que é importante! A afetividade acontece, porque quando eu não venho pra sala de aula, minha professora sente falta. (MARIA DA CONCEIÇÃO).

Observa-se que o elemento afetividade vai além do sentimento emocional na relação entre os sujeitos no ambiente escolar, pois nota-se na fala da aluna a segurança que tem na professora [...] dá mais ânimo pra a gente vim pra escola [...] (Maria da Conceição). Deixando claro que ela sente que sua presença é importante para professora e essa valorização serve como motivação/estímulo para continuar frequentando a escola. Sentir-se motivado para fazer algo é o ponto de partida para grandes conquistas, no caso dos alunos da EJA, a motivação contribui para autoconfiança. Conforme Almeida (2007, p.17).

a emoção é uma forma de participação mútua, que funde as relações interpessoais. Ela estimula o desenvolvimento cognitivo [...]. Portanto, a emoção da afetividade serve de estímulo para que aconteça uma aprendizagem significativa.

Ao questionar os alunos se na sua trajetória estudantil houve alguma professora que foi marcante, dos cinco alunos entrevistados quatro tiveram respostas semelhantes, destacando uma relação de afeto positiva com a professora. Como podemos constatar nas falas dos estudantes a seguir:

[...] Eu estudei numa lá no Valentina. Essa é a segunda. Lá eu tranquei, não terminei, não. Eu comecei e depois parei e depois vim pra cá.

Tanto lá, como aqui eu mim dou, mim dou, mim dei muito bem com elas. Lá mas, eu mim, mais aqui. (MARIA JOSÉ).

Houve. [...] A minha professora da quarta série. O que marcou foi, a maneira dela ensinar, o relacionamento que ela tinha com a gente.

Assim. Ela ensinava assim, com dedicação com carinho. Entendendo? E, sim uma maneira... assim se não entendesse ela vinha com toda paciência, com carinho entendeu? [...]

Ela não se cansava de explicar, entendeu? (EDILEUZA).

Essa é a primeira. Que sempre ela me trata com carinho, a gente conversa, dá uma boa noite um pra o outro, aqui e acolá quando ela não tem a colega pra levar eu deixo ela lá na porta de casa aí vou-me embora pra casa. E assim a gente vai levando a vida né? Ela me tratando bem, eu tratando ela bem é tudo que serve né? (FRANCISCO).

Teve. Essa professora que eu tô aí ela é muito boa. E teve uma outra professora, professora Fátima daqui mesmo do João Gadelha e ela foi um professora muito boa pra mim, muito importante foi com ela mais foi que eu fiquei mais tempo assim na escola através dela né. [...] Aí eu fui conheci a professora Dalva não quis mais nem sair da sala mais. (MARIA DA CONCEIÇÃO).

Somente uma aluna se expressou negativamente em relação às atitudes nada afetuosa de sua antiga professora.

Sim. Inesquecível, marcante, eu apanhava. Era do tempo de apanhar mermo na escola. Foi na época quando eu era criança, era no sítio [...]. Porque eu sou canhota e elas não queria. Ela passava pra mim escrever, aí eu pegava assim no lápis, ela vinha com a maior ignorância do mundo tomava o lápis, botava assim e dizia você vai escrever com essa. Eu fica, não sabia escrever um “o” com essa mão, eu ficava lá chorando, chorando, chorando [...]. (SOLANGE).

Nessa questão, a aluna, na sua resposta, deixa bem claro que sua trajetória foi marcada negativamente. Portanto, reforçamos mais uma vez que um professor para trabalhar com essa modalidade de ensino deverá estar atendo às múltiplas dimensões: do OLHAR, do ESCUTAR e do CRIAR. Do olhar, para poder ver as dificuldades que cada aluno passa naquele momento específico, do escutar, pois se essa professora estivesse atenta a escutar essa aluna, com certeza, saberia a dificuldade que ela estava passando em escrever com a outra mão. Nesse sentido

Freire (2011, p. 111) diz: “Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele [...]”.

Já no que se refere aos alunos que não passaram pelo trauma negativo na aprendizagem, nota-se que ao relatarem suas trajetórias estudantis, o que os marcaram foi o afeto e a dedicação dos educadores. Sabe-se que o professor, construindo um diálogo com seu aluno, facilitará o relacionamento e com certeza a aprendizagem, assim criando laços de confiança mútua. Portanto, o professor deverá criar laços de amizade que ajudam no processo de aprendizagem desse aluno.

Perguntamos aos entrevistados: Quando você não entende o assunto estudado, você pergunta a sua professora? Sem exceção, todos confirmaram que buscam o professor para esclarecer suas dúvidas, conforme as repostas abaixo:

Sim. (MARIA JOSÉ)

Pergunto.

Ela explica, sem aborrecimento, entendeu? (EDILEUZA).

Pergunto. E ela responde carinhosamente com a gente. Ela é muito educada. É exatamente. E agora eu vejo que é maravilhoso estudar [...]. Tem acontecido muitas atribulação na minha família, com neto meu com essas coisas, aí é que eu venho mesmo. [...] mais eu, eu digo, eu vou pra escola porque se eu ficar dentro de casa é pior. (SOLANGE).

Quando eu não entendo, eu procuro entender. Aí eu vejo que eu num procurei entender, tentei, tentei, não consegui aí eu pergunto a ela umas duas ou três vezes, mais no máximo uma [...]. (FRANCISCO).

Pergunto! E, encho até o saco até demais. (Risos). Ela fica as vezes mandando eu me esforçar. Mais, eu gosto pra ter a certeza que eu tô fazendo certo, eu acabo ela me dizendo. Porque eu sou insegura. (MARIA DA CONCEIÇÃO).

Quando realizamos a pergunta acima citada, todos responderam que não entendendo o assunto estudado, perguntam à professora quantas vezes for necessário. Ou seja, essa atitude nos leva a crer que os alunos não se sentem constrangidos em demonstrar que não entenderam, pois sabem que a professora atenderá suas necessidades, tendo em vista que entre os alunos da EJA o receio de errar é maior que na modalidade de ensino regular.

Corroborando com a ideia dos alunos ao realizarmos nossas observações, percebemos que os alunos entrevistados deixam transparecer que existe uma relação mútua de confiança e liberdade. Assim, consideramos que essas ações afetuosas são necessárias para auxiliar na aprendizagem e no caso para fortalecer a autoestima

desses sujeitos. Conforme Gonsalves, (2009, p. 66): “Uma Pedagogia do Amor indica a imagem do indivíduo relacional, portanto, uma vinculação solidária com o outro. Pedagogia do Amor é um exercício permanente de cuidar pessoal, social e politicamente”. Para tanto uma das características que o professor deve deixar transparecer é a sensibilidade que nele existe.

Indagamos também sobre o que mais os motivava a frequentar a escola. Diante das respostas obtidas pudemos observar que (03) três das entrevistadas responderem diferentes dos (02) dois demais. Conforme pode-se verificar abaixo:

É porque, a minha professora é muito amiga do aluno, me sinto muito bem na escola. É, eu tenho uma carteira que me beneficia, dá benefício a mim. Então, eu tenho que queira ou que não queira vim pra escola. Eu adoro vim praqui. (MARIA JOSÉ).

A conversar com todo mundo, interagir como ela falando desse jeito, interagir [...] aí você chega aqui tem pessoas que te recebe com braços abertos, com carinhos, com todas essas coisas aí você acaba né. Há! vou pra escola que é melhor porque lá eu vejo pessoas, vejo gente e brinco e converso e rir. Aí pronto! (MARIA DA CONCEIÇÃO).

Porque eu gosto, é bom pra mim e pra eu esquecer das coisas. [...] no dia que eu lia umas letrinhas, uma coisinha de nada assim pronto, no outro dia amanhecia com enxaqueca. E hoje eu leio, leio, leio e não tem isso, acabou depois que eu comecei a ir pra escola. (SOLANGE).

Nas falas das alunas acima há uma coincidência em dizerem que a motivação que lhes trazem para dentro da escola é justamente por ter a certeza de que no ambiente escolar elas irão encontrar uma professora amiga, havendo assim uma interação com todos, pois relatam que são recebidas com carinho e atenção, que conversam e brincam podendo assim esquecer os problemas do dia a dia. Apesar de umas das alunas citar na sua fala que recebe o benefício da carteira de estudante, mesmo assim, acreditamos que outros fatores a motivam a frequentar e permanecer na escola.

Os outros demais entrevistados acreditam que é importante o estudo independente da faixa etária, visto que as oportunidades que forem surgindo vão depender do nível educacional. Ainda falam que deixaram de aproveitar várias oportunidades que surgiram por não ter a escolaridade exigida. Assim, pensam que necessitam estudar mais para melhor adequação ao mercado de trabalho, como também ficar atualizado dos assuntos que estão acontecendo no mundo.

É assim, porque aprender nunca é demais né. [...] e assim se atualizar né, porque o ensino de dez, vinte anos atrás é uma coisa e o de agora é outra. Então, a gente tem que estar sempre se atualizando. A motivação é essa. E conhecimento nunca é demais. (EDILEUZA).

O meu motivo mais frequente de eu tentar tá conseguindo a estudar de noite era tempo de quando eu era jovem demais não ligava muito pro estudo [...] E aí, eu fui crescendo e me entendendo de gente e vi que o homem sem estudo ou a mulher sem o estudo não significa nada do mei do mundo. Porque como é que ela vai conhecer um dinheiro? Aí foi que eu caí em mim né, não caí nos outros caí em mim que o estudo seria melhor. Se eu dizer que eu não peguei serviço bons aqui dentro de João Pessoa eu peguei, mais devido os estudos não deu pra ficar. Entendeu? (FRANCISCO).

Quando fizemos a pergunta, você é recebido com afetividade na escola, todos responderam que sim. Iremos destacar apenas a fala da aluna Maria da Conceição, que sintetiza o pensamento do grupo:

[...] todos eles aí me trata com muito carinho. [...] Sabe é uma forma de um carinho bem, bem legal. Chama sempre você pra participar das coisas, os amigos né da escola. Isso é importante. (MARIA DA CONCEIÇÃO).

Maria da Conceição, faz questão e tem o prazer em dizer que é tratada com carinho pelos funcionários da escola. Podemos constatar esse tipo de tratamento, atitudes de afeto praticadas pelos funcionários e professores espontaneamente no dia a dia da rotina escolar durante nossas visitas à escola, inclusive fomos convidadas pela diretora e pelas professoras do Ciclo I, Lúcia, e Ciclo II, Dalva, para participarmos da festa de encerramento do ano letivo. De acordo Gonsalves, (2009, p. 66): “A escola precisa sorrir os seus alunos. E o amor precisa ter uma presença significativa na escola. A educação precisa ser realizada com amor, para o amor e a partir do amor”. Constatamos que o amor é essencial e vital para o ser humano, e por tanto influencia na relação construída entre os sujeitos da educação, presente nas respostas dadas pelos alunos.

Ao indagarmos se na sala de aula você é recebido com afetividade e demos como exemplo de atitude afetuosas como: uma boa noite, se as pessoas se cumprimentam com um abraço ou um aperto de mão. Em suas respostas todos concordaram que sim. Porém, gostaríamos de destacar o que dizem as alunas Edileuza e Maria da Conceição:

A gente tem um diálogo entre professor e aluno, a gente tem um diálogo bom. (EDILEUZA).

Sim. Boa noite todos os dias. [...] E tem dia que eu fico calada sabe. (MARIA DA CONCEIÇÃO).

Podemos notar que os alunos são recebidos com afeto, com atenção, consequentemente são bem acolhidos, ou seja, o acolhimento inspira uma atitude de inclusão no exercício cotidiano de respeito à diversidade. De acordo com Oliveira (2012, p. 7): “A união entre professor e aluno acontece quando o diálogo estabelecido entre eles é saudável e de qualidade” [...]. Portanto quando o aluno é recebido com afeto, e acontece esse diálogo com certeza o processo de aquisição do conhecimento acontecerá sem imposições e resultará numa aprendizagem significativa.

Ao questionarmos os entrevistados; se eles consideravam que as aulas oferecidas pelas suas professoras eram dinâmicas, todos responderam que sim, e não acrescentaram mais nada. Então, percebemos que não havia um entendimento por parte dos entrevistados sobre como seria uma aula dinâmica, procuramos promover um diálogo com cada um, com a intenção de explicar ou esclarecer melhor o que seria uma aula dessa natureza. Ou seja, buscamos saber dos alunos se as professoras ao desenvolver suas aulas faziam atividades diferenciadas do aprender, isso é: só aulas usando o livro didático ou escrever do quadro para o caderno e se era proposta a realização de atividades onde fizessem o uso de jogos como: dominó matemático, alfabeto móvel, atividade usando os computadores e suas tecnologias e se existia atividade que era trabalhada em grupo promovendo a interação entre todos da sala.

A aluna Edileuza destaca que já houve a realização de trabalhos em grupo e Solange fala das aulas que aconteceram na sala de vídeo.

[...] Já teve sim. Não com matemática, mais com outras aulas, trabalhos em grupo a gente já fez todo mundo se relacionano né [...] (EDILEUZA).

Já, já teve. Tem uma professora de religião que ela era na quinta-feira que ela já levava a gente pra sala de vídeo pra assistir vídeo e o ano passado também teve muito na aula de Lúcia também [...] (SOLANGE).

Tanto o aluno Francisco como Maria da Conceição responderam que as aulas são boas, mesmo após receberem esclarecimento sobre o que é aula dinâmica.

[...] Sei, é todas boas.

Dessas aulas que ela deu não. Ataiando a sua conversa só teve uma que eu não gostei que foi a primeira. Só durante o tempo que eu estudo aqui nesse colégio só teve pra gente aquele papel cortado que tava faltando muita letras pra gente completar número. Então, eu completei ainda três [...] (FRANCISCO).

Apesar de ter dito que sim, que as aulas oferecidas pela professora eram dinâmicas o aluno Francisco relata que a professora não oferece aula diferenciada se contradizendo na sua fala. No entanto, ele lembra em sua fala de algumas atividades que participou, como a que fez uso do papel cortado que faltava letras para formar as palavras.

Percebemos pelas colocações desses alunos que a presença do afeto se faz marcante em suas aulas, sendo um estímulo importante para frequentarem a EJA. Já que para o adulto muitos são os empecilhos, como o cansaço, a insegurança, o receio de errar, entre outros fatores, mas a presença de uma relação de respeito e amizade os anima a continuarem os estudos à noite.

4.2 O Professor da EJA e a afetividade

As professoras entrevistadas em nossa pesquisa foram duas mulheres que lecionam no Ciclo I, e II, da EJA.

A professora Lúcia tem 54 anos de idade, mora no bairro dos Bancários, vizinho ao bairro de Mangabeira, onde está situada a Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor João Gadelha de Oliveira Filho. Leciona há trinta e três anos, sendo vinte anos na modalidade EJA. E na escola acima citada, trabalha há seis anos.

A professora Dalva tem 59 anos de idade, mora no mesmo bairro em que está localizada a escola citada. Dalva já é professora há quase trinta e sete anos, sendo vinte e oito anos na modalidade EJA. E na escola mencionada trabalha há dezessete anos.

Ao realizarmos a pergunta: Foi uma opção sua trabalhar com essa modalidade de ensino EJA ou foi outro fator que contribuiu para esse caminho? As duas professoras responderam que não foi opção delas, e sim as circunstâncias que lhes direcionaram para ensinar nas turmas de EJA. Conforme a fala da professora Lúcia:

Eu me apaixonei desde o primeiro dia que eu dei aula ao aluno da EJA. Agora, ultimamente anda muito desestimulante né, porque os alunos fazem rodízio não é aquela turma frequente né. Aí a gente perde um pouco o estímulo.

A professora Lúcia relata que ensinava à turma de criança, mais que por necessidade passou a ensinar na EJA, também para completar a carga horária de trinta horas semanais. Até então, Lúcia não tinha tido experiência com alunos da EJA, mas confessa que se apaixonou desde o primeiro momento e leciona até hoje nessa modalidade de ensino.

De acordo com a fala da professora Dalva:

Eu acho que que foi um fator, viu. Porque depois que eu tive o meu primeiro filho foi que eu passei pra noite. Eu troquei o horário e só tinha EJA.

A professora Dalva diz que por necessidade familiar teve que trabalhar no turno da noite, onde a escola só oferecia o ensino EJA e mesmo sem ter experiência com essa modalidade teve que assumir a turma.

Diante das falas das professoras Lúcia, do Ciclo I, e Dalva, do Ciclo II, nota-se que as mesmas não foram preparadas para trabalhar com essa modalidade de ensino. Sabemos que, os alunos da EJA têm limitações e que vêm com baixa autoestima fora da faixa etária, necessitando assim, de professores qualificados, capacitados, para trabalhar com essa modalidade específica. De acordo com Almeida (2012, p.61): Para esse tipo de educação, é necessário um preparo profissional específico. Então diante dos fatos, podemos perceber que esse despreparo pode causar prejuízos incalculáveis para esses alunos, como: deficiência no aprendizado, falta de interação dos conteúdos com sua realidade, desistência entre outros.

Portanto, cabe aos poderes públicos, nesse caso o município, ter a preocupação de oferecer formações verdadeiramente adequadas com cientistas da educação que tenham habilidades e competências educacionais para realizar tais formações uma vez que na maioria das vezes não acontece, devido aos arranjos políticos.

Com isso, levando em consideração que esses professores já estavam atuando no ensino regular e que foram designados para trabalhar com a EJA sem receber formação alguma, por isso, ao nos depararmos com essa situação não estranhamos, porque a EJA antes era tratada como um arranjo, no entanto passando a ser

reconhecida pela Lei 9.394/96, percebe-se que muitos avanços aconteceram, mas muito tem a ser feito.

Quando perguntamos se as professoras participaram de alguma formação para trabalhar com essa modalidade específica, ambas as professoras concordaram dizendo não. Conforme a fala da professora Lúcia: “Não! A gente aprende no dia a dia (risos) com eles. Eles aprendem com a gente e a gente com eles.”

Em sua fala, Lúcia é clara em dizer que não foi instruída para ensinar aos alunos da EJA (público composto por especificidades). E como professora foi aprendendo com a realidade cotidiana e com os seus próprios alunos dentro da sala de aula, onde acontecem inúmeras trocas de saberes entre os sujeitos envolvidos na EJA.

Conforme a fala da professora Dalva:

No início não, que não existia né. Mais, de um tempo desse pra cá tem a formação. Eu acho assim: tem pouca coisa que influencia á você trazer pra sala de aula pra botar em prática. Esse ano mesmo, eu escolhi pela online (fazer a presença e as tarefas online), tem todos os anos. Dão um certificado.

É obrigatório porque influencia no décimo quarto (14º). Você é obrigado a participar se não, não recebe o décimo quarto integral. P - Certo.

Dalva, relata que agora existe a formação continuada, pois antes não existia. Todo ano tem, e é obrigatório participar, pois a participação do professor conta como crédito para receber o 14º salário. Mas faz uma crítica a essa formação que não oferece metodologias diferenciadas para serem trabalhadas em sala de aula.

Com a exposição da fala da professora Dalva, Ciclo II, confirma a nossa ideia de que adquirir novas estratégias de ensino para levar para a sala de aula nessa especificidade requer pessoas habilitadas

Durante nossas observações referente às falas das professoras em relação à uma qualificação para trabalhar com essa modalidade específica, destacamos a fala da professora Dalva, Ciclo II, onde diz que antes não existia formação específica, agora existe, mas não oferece metodologias diferenciadas para trabalhar em sala de aula, e também não são previamente comunicadas pela Secretaria da Educação do Município para com os professores a sua disponibilidade e condições de chegar a esse local determinado para capacitação.

Ao perguntarmos qual a importância da afetividade em sala de aula, as professoras responderam fazendo relação da afetividade com cumplicidade, amizade,

confiança e segurança, onde em suas preocupações os alunos não as consideram como professora e sim como uma amiga. De acordo com a fala da professora Lúcia:

Ah! É uma cumplicidade muito grande, visse. A gente consegue fazer amizade, tipo assim amigo mesmo como se não fosse aluno da gente. Que eles confiam demais, não querem passar pra não ir ficar com outra professora. É um vínculo de amizade muito forte! Eles são carentes né, e é como se a gente fosse professor e psicólogo ao mesmo tempo pra eles.

De acordo com a fala da professora Dalva:

Eu acho que é muito importante assim, porque os alunos são adultos. Eu pelo menos, eu tenho mais adultos né. E assim, eles me têm como uma... não é nem como uma professora, eu acho. Eles me têm como uma amiga, porque eles desabafam, eles contam tudo da vida particular deles. É, e assim eles sentem, têm segurança né em mim pra poder passar os problemas deles né e confiança. Porque se não tivesse, eles não se abriam comigo. Eles confiam em mim.

Sabe-se que na sala de aula a afetividade é muito importante porque vai além da amizade. Pois, atitudes simples praticadas pelas professoras como respeitar a fala do outro, ouvi-lo, valorizar os conhecimentos e as experiências de cada um são pequenos gestos que transmitem além do afeto, confiança, auxiliando na autoconfiança do aluno da EJA que consideram-se incapaz de evoluir educacionalmente. Para tanto, o professor não pode permitir que haja desrespeito, discriminação e muito menos exclusão, dentro de sua sala de aula. Onde são consideradas amigas, confidentes, considerando que são pessoas adultas, ao contrário do ensino regular, que na maioria os alunos são crianças e adolescentes, onde outros sentimentos estão envolvidos no contexto escolar.

Acreditamos todavia, que nas ações das professoras deve haver um certo limite de amizade que seja saudável para que esse aluno possa se tornar um sujeito autônomo, conforme Gonsalves, (2009, p.36): “Nesta perspectiva, o conhecimento é compreendido como um processo de auto-organização do indivíduo, isto é, ele se realiza pela e nas relações que o indivíduo constrói com o seu entorno”. Onde possa transpor seus limites, no caso da sala de aula que esse aluno consiga passar para a série seguinte sem maiores dificuldades ou arrependimentos, onde eles poderão também se sentir seguros, formando laços afetivos com o novo professor e evoluindo na construção do saber. Para tanto, acreditamos que a professora pode intermediar essa transição por exemplo: propondo a inter-relação dos ciclos.

Quando indagamos as professoras como são construídos os laços afetivos entre você professora e seus alunos, Lúcia, Ciclo I, em sua fala revela que esses laços afetivos são construídos no primeiro dia de aula. Enquanto, Dalva, Ciclo II, responde que os laços afetivos são construídos no dia a dia, ou seja, ao decorrer do ano.

De acordo com a fala de Lúcia temos:

No primeiro dia de aula, quando você pede a eles que falem um pouco de si. Pronto! Ah, não existe mais aula. Ele vai falar onde trabalha, é casado, quantos filhos, quem mora na casa. Você termina conhecendo ele no primeiro dia, no primeiro dia você sabe se ele vai permanecer o ano todo, se ele só quer conversar [...].

Acreditamos que no primeiro encontro do professor com o aluno é possível dar início a uma relação baseada no respeito e no compromisso. Afinal, é justo nesse dia de aula em que acontecem vários momentos de descontração, onde se promovem oportunidades aos alunos de falar um pouco de si e conhecer um pouco do outro. Enfim, começa a construção da relação do professor com o aluno e aluno com aluno. Portanto, acreditamos que essa relação passa por um processo que vai se fortalecendo dia após dia.

A fala da professora Dalva ressalta: “Eu acho que são construídos no dia a dia né, a convivência vai, vai se construindo durante todo ano”.

Percebe-se na resposta da professora Dalva, Ciclo II, um pouco de ponderação, pois, a professora acredita que realmente os laços afetivos não se constroem no primeiro contato com o aluno. Porém, justifica que a convivência, o respeito e o compromisso com a educação vão se fortalecendo no decorrer do ano. Conforme Gonsalves (2009, p. 7) “Talvez, quando se comece a pensar que a tarefa do mestre é uma tarefa de integração afetiva, que seus fins profissionais não pertencem ao mundo técnico e que seu ensino deve incidir na descoberta e no assombro de cada dia [...].

Indagamos às professoras também sobre sua opinião de como a escola vem exercendo seu papel de suprir as necessidades que essa modalidade de ensino exige, como planejamento adequado, recursos utilizados, etc. Conforme a fala da professora Lúcia temos:

Não, antigamente era melhor o ensino que a escola oferecia. Porque oferecia mais palestras. É, pessoas tinham mais interesse de ser convidado e vim para a escola pra fazer palestras, é tipo confraternizações. Todo planejamento como é que se diz: comemorativo, as datas comemorativas no dia do livro vinha um contador de história e contava a história e falava da história do livro infantil, do livro de adulto. Era muito bacana antigamente. Existia bingos! Sorteios! É, brincadeiras no São João. Esse tipo de coisas e hoje em dia não vejo mais isso. Aí desestimula também o aluno né, só aula de sala de aula, de biblioteca, no dia que quer ir pra o laboratório de informática: Ah, tem computadores que não está funcionando, hoje o monitor não veio, sempre tem uma desculpa aí termina desestimulando e a gente não vai mais.

Lúcia, relata que antes o ensino tinha mais qualidade e que a escola era mais envolvida para desenvolver as atividades planejadas. Como também, promovia a inclusão da comunidade na escola buscando proporcionar a interação dos sujeitos da escola com toda comunidade. Esse tipo de proposta pedagógica dá mais estímulo, tanto para o professor, como para o aluno.

A fala da professora Dalva diz:

Bem, o planejamento é sim, adequado. Agora, os recursos... A gente não conta com muito recursos aqui não. Pra assim, pra EJA né, que deveria ter.... e até a formação deveria ser melhor né, adequado com a clientela que a gente tem.

Dalva, em sua fala diz que o planejamento para EJA é construído adequadamente, porém, os recursos não são suficientes para suprir as necessidades que essa modalidade de ensino precisa para se colocar em prática, o planejamento. No entanto, sugere que a formação dos professores da EJA poderia ser melhor, ou seja, pensada e construída partir de ações voltadas para a realidade do aluno da EJA.

Quando indagamos as professoras nessa questão, houve uma divergência nas respostas, como podemos constatar em suas falas. No entanto, durante nossas observações, podemos ver que a escola tinha condições de trabalhar com aulas diferenciadas, tais como: uso do recurso da sala de informática, utilização da biblioteca, que é aberta à noite, as salas são amplas e com condições de trabalhar com as carteiras em círculos, espaços para exposição dos trabalhos construídos, dentre outros exemplos.

No entanto, é notório que o professor é tão vítima quanto o aluno do poder público que não desempenha um bom trabalho e que não oferece uma educação de

qualidade como manda a lei máxima do país, tendo em vista que são órgãos educacionais responsáveis por administrar a educação e cobrar resultados positivos no término de cada ano letivo. Porém, não promove qualificação específica para o profissional da EJA. Talvez os resultados venham tornar-se significativos a partir do momento que os órgãos públicos responsáveis pelas qualificações dos professores da EJA demonstrarem um pouco de sensibilidade ao planejar esses cursos preparatórios. Pois, o que ouvimos dos professores a respeito da formação é que são impostos o dia, a data e a hora para se cumprir tal formação. Como também não existe uma sondagem que seja realizada previamente à formação para colher dos professores quais as necessidades dos alunos da EJA, visando a formulação de metodologias diferenciadas para se trabalhar durante o curso oferecido. Tendo em vista que, quem conhece e sabe o que precisa ser e onde precisa ser melhorado é o professor, pois ele é a parte mais interessada nessa formação.

Ao perguntamos se as professoras costumavam valorizar e incentivar as relações afetivas e respeitosas, entre seus alunos, ambas as professoras confirmarem que valorizam e incentivam as relações afetivas e respeitosas entre eles. No entanto, não percebemos qualquer argumento que fosse suficientemente claro para explicar ou respaldar as suas respostas positivas, e, nem como as mesmas incentivam essas ações para que essas relações verdadeiramente aconteçam.

Ao perguntarmos como a afetividade é contemplada na organização de sua prática pedagógica, tanto a professora Lúcia, Ciclo I, quanto a professora Dalva, Ciclo II, não entenderem no primeiro momento a pergunta, sendo solicitado maiores esclarecimentos por parte das pesquisadoras. As entrevistadas, quanta a afetividade apresentam que:

[...] É interessante, com uma criança você consegue que ele pega rápido né, tem uma memorização muito rápida. Mais o.... Já a pessoa da EJA não. Os alunos da EJA você descobre isso na hora [...] (LÚCIA)

[...] A gente diz uma coisa e ele entende outra, aí tem mais dificuldade e aí eu tenho que ter mais paciência né, de poder repetir e ensinar de uma outra forma a ele, de chegar mais perto. (DALVA)

Acreditamos que ao desenvolver o planejamento, a professora tem que em suas ações pedagógicas ter a preocupação de elaborar aulas que supram as necessidades específicas de sua turma como: pensar como desenvolver a mesma

atividade para alunos com níveis de aprendizagens diferenciados, com faixa etária diferenciada, criar um diálogo que favoreça a compreensão de todos no que diz respeito à diversidade, respeitando a opinião do outro.

Diante dos relatos das professoras entrevistadas sobre a afetividade e sobre a importância desse elemento dentro da sala de aula, as mesmas responderam que é de fundamental importância que esses laços sejam construídos desde o primeiro dia de aula e que devam ser fortalecidos dia a dia. Pois, as mesmas acreditam que a convivência proporciona respeito, carinho, confiança e compromisso na relação entre o professor e aluno. Em se tratando da modalidade EJA, por ser uma modalidade que requer especificidades, acreditamos que o profissional da educação esteja comprometido em formar um cidadão com senso crítico capaz de fazer a leitura de mundo em que está inserido, atuando como agente participativo entre as pessoas e consequentemente desenvolvendo suas capacidades sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos registros e reflexões citados no trabalho, apresentaremos algumas considerações que não podemos julgar como conclusivas, mas que tem o objetivo de expressar o nosso entendimento a respeito das leituras desses momentos que vivenciamos.

Nesse sentido, diante das pesquisas realizadas sobre a importância da afetividade no processo de ensino e de aprendizagem dos alunos da Educação de Jovens e Adultos, constatamos que a afetividade está presente na escola investigada e nas relações que são construídas dentro dela.

Conforme os relatos dos alunos entrevistados, percebe-se que os mesmos consideram suas professoras como amigas, confidentes, possuindo uma relação de confiança. Pois existe uma preocupação, por parte dos mesmos, em saber como as professoras estão a respeito da saúde pessoal, familiar e profissional, chegando até em situações mais próximas em acompanhá-las em casa após as aulas e serem convidadas no fim de semana a casa de suas alunas, participar de reuniões e festas familiares, dentre outros.

Estas atitudes em si, demonstram que os alunos da EJA, alunos esses que vêm carregados de muitas expectativas devido ao fato de sentirem baixa autoestima, procuram na professora uma pessoa amiga para ser sua confidente, esperando que a mesma tenha uma ação de reciprocidade. Desta forma, cabe às professoras criarem um ambiente que evidencie sentimentos de compreensão, aceitação e valorização de si e do outro. Assim, favorecendo a construção de uma relação de afeto entre aluno e professor.

Consideramos esses cuidados como sentimentos afetuosos que são cultivados no dia a dia. Portanto, servindo como estímulo para ambos os grupos envolvidos na relação de ensino e de aprendizagem se fortaleça uma relação de confiança e amizade, contribuindo também, neste sentido, para um ambiente de estímulo acadêmico e convivência saudável.

Já no que se refere à relação de afetividade das professoras para com os alunos, percebemos nas suas falas, que elas nutrem um afeto para com os mesmos.

As respostas a estas perguntas foram colhidas através das observações das ações do dia a dia das professoras, constatando que elas procuravam, da melhor forma possível, trabalhar com a diversidade em sala de aula, proporcionando um atendimento em particular a cada aluno, caso necessitasse, pois, se tratando de alunos da EJA, sabe-se que existe essa necessidade, visto que, pela diversidade de nível de estudo, por exemplo, enquanto alguns sabem ler, outros sabem apenas escrever, e vice-versa.

Nas aulas que estávamos pesquisando, por exemplo, a professora sempre realizava aulas de leitura e discussão com os alunos, procurando resgatar o que tinha sido lido naquele momento e fazendo sempre relação com outras leituras já realizadas anteriormente. Provocando em suas intervenções, o pensamento crítico por parte dos alunos, elencando, dependendo dos temas abordados, ao cotidiano dos alunos. Havia atividades bastante diversificadas, para que se acompanhasse de acordo com o estágio de aprendizagem de cada aluno.

Outras ações praticadas pelas professoras foram o estímulo aos alunos a participarem das discussões, emitindo seus comentários, e caso necessitasse fazia a complementação, criando momentos alternados de atividades em grupo ou individuais, onde a mesma procurava ajudar os alunos caso fosse solicitada, procurando sempre tirar suas dúvidas. Tendo por fim, a correção das atividades no quadro para que todos pudessem acompanhar e sanar as dúvidas que ainda persistissem.

É sabido que a temática abordada neste trabalho não está completamente concluída, mas é necessário que outras pesquisas mais profundas sejam realizadas, pois é perceptível níveis de confiabilidade distintas, por exemplo, os alunos têm total abertura para contar seus problemas para as professoras, já a recíproca não é verdadeira, pois será que as professoras também confidenciam seus segredos como os alunos?

Ação essa, mencionada acima, pode influenciar até a forma didática pedagógica dos professores em sala de aula no atingir dos objetivos acadêmicos e proporcionando ainda mais a inserção e permanência dos alunos nessa modalidade de ensino.

Acreditamos, assim, pela experiência vivida e pela coleta de dados durante o desenvolvimento desse trabalho, que existe sim, uma afetividade entre os alunos e as professoras, e que dependendo desse grau venha a ser um facilitador no desenvolvimento e no atingir dos objetivos das aulas. É por isso que a afetividade é importante estar presente no ambiente de ensino e de aprendizagem, pois só tem a contribuir para ambas as partes durante sua jornada acadêmica.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. R. de (org.) **Afetividade, aprendizagem e educação de jovens e adultos: relatos de pesquisa na perspectiva de Henri Wallon.** – 1ª ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- ALMEIDA, L. R.; MAHONEY, A. A. – (orgs.) **Afetividade e aprendizagens: contribuições de Henri Wallon.** São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- ANTUNES, C. **Professores e professauros: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas.** – 6ª ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2012.
- BARROS, A. J. S.; LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos da Metodologia científica.** – 3ª ed. – São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- CRUZ, D. A. et.al. **Atuação do professor como facilitador na aquisição do conhecimento.** SENAI CETIQT. Pós-Graduação em Docência na Educação Profissional e Tecnológica. Rio de Janeiro: SENAI CETIQT, 2015.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa /** Paulo Freire, São Paulo, Paz e Terra, 2011.
- _____. **Educação e Mudança.** Prefácio de Moacir Gadotti. Tradução de Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.
- GONSALVES, E. P. **Educação Biocêntrica: o presente de Rolando Toro para o pensamento pedagógico.** João Pessoa - PB: Editora Universitária – UFPB, 2009.
- GERALDI, J. W. et al (orgs). **O texto em sala de aula.** – 2ª ed. São Paulo - SP: Ática, 1984.
- KOSLOSKI, D.V.S; ANSAI, R.B. **Afetividade no cotidiano escolar.** 8º. Encontro de Iniciação Científica. 8ª Mostra de Pós Graduação. FAFIUV/2008.
- LEITE, S. A. S. (org.). **Afetividade e letramento na educação de jovens e adultos EJA.** – São Paulo: Cortez, 2013.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica.** 6ª ed. – São Paulo: Atlas, 2011.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados.** – 7ª ed. -8.reimpr. – São Paulo: Atlas, 2015.
- MORAES, C.R; VARELA, S. **Motivação do Aluno durante o processo de ensino-aprendizagem.** Revista Eletrônica de Educação. Ano I, Nº 01, ago. / dez. 2007.

OLIVEIRA, E. S. **A Contribuição da Afetividade na Aprendizagem de Jovens e Adultos.** Disponível em:

<<https://www.portaleducacao.com.br/educacao/artigos/14626/a-contribuicao-da-afetividade-na-aprendizagem-de-jovens-e-adultos>. Acesso em: 28 jun. 2016 às 10:55 h.>

PRESTES, M. L. M. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia.** – 4ª ed. – São Paulo: Rêspel, 2012. 312p.; 30 cm.

APÊNDICE – A

Roteiro das questões das entrevistas dos alunos

- 1- O que você entende por afetividade?
- 2- Você acha que é importante a presença da afetividade na relação professor com o aluno? Isso acontece com você dentro da sala de aula?
- 3- Na sua trajetória estudantil houve alguma professora que foi marcante na sua vida?
- 4- Quando você não entende o assunto estudado, você pergunta a sua professora?
- 5- O que mais motiva a frequentar a escola?
- 6- Você é recebido com afetividade na escola?
- 7- Na sala de aula você é recebido com afetividade? Ou seja, com um boa noite, as pessoas se cumprimentam, com um abraço etc.
- 8- Você considera que as aulas oferecidas pelas suas professoras são dinâmicas?

APÊNDICE – B

Roteiro das questões das entrevistas das professoras

1-Há quantos anos trabalha como docente?

2-E nessa escola? Na EJA?

3-Foi uma escolha sua trabalhar com essa modalidade de ensino na EJA ou foi outro fator que contribui para esse caminho?

4-Você participou de alguma formação para trabalhar com essa modalidade específica?

5-Para você, qual a importância da afetividade em sala de aula?

6-Como são construídos os laços afetivos entre você professora e seu aluno?

7-Na sua opinião, você acredita que a escola está exercendo o seu papel de suprir as necessidades que essa modalidade de ensino exige? Com planejamento adequado, recursos utilizados etc.?

8-Você costuma valorizar e incentivar as relações afetivas e respeitosas, entre seus alunos?

9-Como a afetividade é contemplada na organização de sua prática pedagógica?